

RELAÇÕES MERCANTIS COMO FETICHISMO NOS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE KARL MARX (1844)

Carlos Seizem Iramina¹

Mestrando do Instituto de Economia (UNICAMP)

carlosiramina@gmail.com

Resumo

O tema do artigo é a crítica à economia política realizada nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Karl Marx (1844). O objetivo é apresentar a crítica marxiana ao fetiche do dinheiro e a unilateralização da carência, dois aspectos centrais das relações sociais na sociedade burguesa. Para Marx, o dinheiro inverte as qualidades, por meio da mediação universal das quantidades, dessubstancializando as relações de intercâmbio entre os homens. A propriedade privada, por sua vez, unilateraliza a experiência dos homens ao restringir a realização do indivíduo a posse particular; o domínio do ter sobre o ser. Ambas relações empobrecem a experiência do ser humano, impossibilitando a emancipação humana, por delimitar a realização à abstração da posse quantitativa.

Palavras-Chave: Marx, Karl; fetiche do dinheiro; propriedade privada; manuscritos econômico-filosóficos de 1844.

Market relations as fetishism in Economic-Philosophical Manuscripts of Karl Marx (1844)

Abstract

The main topic of this article is the critique of political economy of Economic-Philosophical Manuscripts of Karl Marx (1844). The objective is to present the Marxian critique of the fetish of money and the unilateralisation of lack, two central aspects of social relations in bourgeois society. For Marx, money inverts the qualities, through the universal mediation of the quantities, substituting the relations of exchange between the men. Private property, in turn, unilateralizes the experience of men by restricting the individual's achievement to private possession; the dominion of having over being. Both relations impoverish the experience of the human being, making impossible the human emancipation, by delimiting the realization to the abstraction of the quantitative possession.

Keywords: Marx, Karl; fetishism of money; private property; economic-philosophical manuscript's of Karl Marx.



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

Introdução

O tema deste artigo é a apresentação da nascente crítica à economia política realizada por Marx nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, doravante MEF. Descobertos em 1932, a publicação dos MEF coincidiu com a consolidação do stalinismo, fazendo com que a obra ficasse esquecida nos turbulentos anos do entre-guerras. A situação, contudo, mudou nas décadas do pós-guerra; com a crítica cada vez mais contundente ao stalinismo, os MEF foram recuperados por uma gama variada de autores como uma alternativa teórica ao stalinismo¹.

O motivo da apreciação da obra é a ênfase de Marx, nos MEF, de aspectos humanistas que permeavam a reflexão do autor no período. Tal dimensão humanista e filosófica dos MEF é, inclusive, fruto de uma imensa polêmica acerca da validade da obra na unidade da teoria marxiana², cujo tema não será desenvolvido neste artigo.

É importante ressaltar que os MEF são escritos em um momento de particular interesse na obra de Marx, pois trata-se do ponto de partida de sua formação teórica na crítica à economia política. Marx, até então um filósofo de formação com forte influência hegeliana, passou-se a dedicar, a partir de então, a crítica à economia política³. Dito de

¹ FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844: As origens da ontologia do ser social*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

² Na polêmica mais lembrada, Althusser propõe que a obra ainda estaria em um plano filosófico e, portanto, pré-científico em Marx. Ainda que crítico a Althusser, a posição de Giannotti ecoa a posição do filósofo francês, na qual o texto de Jacques Ranciere é também uma referência. Em oposição a essa visão, autores como Lukács, Netto e Frederico apontam uma vivacidade da obra, na qual despontam reflexões que Marx desenvolveu posteriormente.

³ Cabe lembrar que o texto de Engels “Esboços para uma crítica à economia política” foi imprescindível para a trajetória de Marx em direção a crítica a economia política. Ao longo da vida, Marx citou o texto referidas vezes como brilhante. Nos MEF, Marx é especialmente tributário a respeito da visão sobre as relações de comércio. Como aponta McLellan “Engels teve também influência decisiva sobre o pensamento de Marx. Num ponto crucial, foi ele quem chamou a atenção de Marx e a dirigiu para aquilo que seria a obra de sua vida, o estudo da economia - proporcionando-lhe alguns dos seus conceitos básicos. Foi o artigo de Engels para os Anais Franco-Alemães de Marx em fins de 1843 - seu “Esboço de uma Crítica da Economia Política” - que, em primeiro lugar, despertou o interesse de Marx pela ciência da economia política. Quinze anos mais tarde, Marx ainda referiria esse artigo como “um brilhante ensaio crítico sobre as categorias econômicas”. (...) Nos cadernos que formam seu famoso Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, o primeiro trabalho citado por Marx na sua parte econômica foi o artigo de Engels” MCLELLAN, David. *As idéias de Engels*. São Paulo, SP: Cultrix, 1979. p. 65 e 66



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

outro modo, os MEF representam o ponto de chegada do sentimento de insuficiência da teoria especulativa hegeliana e o ponto de partida da crítica à economia política⁴.

Marx, ao realizar a crítica à economia política, faz uma crítica ontológica à sociedade burguesa, por meio de uma “antropologia negativa”⁵, isto é, menos do que a definição de uma natureza humana, Marx propõe uma definição do homem sob as condições de estranhamento na sociedade burguesa. A proposta deste artigo é acompanhar os fundamentos negativos da crítica marxiana pelo fio condutor da crítica às relações mercantis e comerciais que servem de base para a organização da sociedade burguesa. O artigo foca a crítica de Marx as mediações universais que se colocam na sociedade burguesa: o dinheiro e a propriedade privada.

A intersubjetiva na sociedade burguesa: o fetiche do dinheiro

A compreensão do caráter religioso da sociedade burguesa se coloca na análise do dinheiro como efetividade das relações intersubjetivas entre os homens na sociedade burguesa. Trata-se de apontar como o dinheiro adquire um caráter específico na sociedade burguesa e o modo como a universalidade do dinheiro se apresenta como objeto da possessão em si⁶.

⁴ Um ponto central que exemplifica a mudança de perspectiva, na qual a crítica as relações mercantis são realizadas nos MEF, em relação aos artigos marxianos sobre a mudança de legislação do roubo de lenha na Renânia. Nos artigos da Gazeta Renana, Marx parte de um ponto de vista da reivindicação de direitos, através da racionalização do estado. Nos manuscritos, a posição pela revolução da vida social com as transformações das condições concretas das relações sociais. MARX, Karl. *Os despossuídos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

⁵ “é preciso dizer que os Manuscritos... representam mais uma antropologia negativa do que uma antropologia positiva — o que já é diferente. O fundamento antropológico nos Manuscritos é menos o homem do que o homem alienado. Isto não nos remete ao velho Marx, mas representa uma diferença importante em relação à antropologia feuerbachiana” FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política*. São Paulo: Editora 34, 2002. p.236

⁶ “O dinheiro é o alcoviteiro entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem. Mas o que medeia a minha vida para mim, medeia-me também a existência de outro homem para mim.” Idem p.157



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

É nesse sentido que há uma teoria do fetiche do dinheiro em Marx nos MEF. Ainda que o desenvolvimento do conceito de fetichismo não está acabada como n'O Capital, o mesmo já aparece nos MEF, a partir da leitura de Marx da obra de Charles de Brosses⁷.

O dinheiro se apresenta como abstração das qualidades humanas, como fetiche que afeta os homens. Influenciado por Shakespeare e a sua obra “Timão de Atenas”, na qual o ouro é citado como “Deus visível”, Marx aponta o modo como o dinheiro é capaz de inverter a relação de todas as qualidades em quantidades e de intercambialidade infinita de qualidades⁸:

Como o dinheiro, enquanto conceito existente e atuante do valor, confunde e troca todas as coisas, ele é então a confusão e a troca universal de todas as coisas, portanto, o mundo invertido, a confusão e a troca de todas as qualidades naturais e humanas”⁹.

O dinheiro é a mediação que liga o homem a tudo, a natureza e a outro homem. Nesse sentido, transforma o outro em meio e é meio de tudo¹⁰. O dinheiro possui a

⁷ O conceito de fetichismo foi criado por Charles de Brosses. O conceito opera aqui em dois significados distintos, mas que estão relacionados a um “estágio inferior” de desenvolvimento de determinados povos. O primeiro relaciona-se a noção de pensamento ainda dominado pelo medo e pela ignorância, a segunda pela incapacidade de abstração e simbolização. Marx, ao longo da sua vida, desenvolve o conceito de fetichismo invertendo a segunda proposta. Nesse sentido, o fetichismo não estaria preso a sociedades “atrasadas” e de pouca abstração, mas o fetichismo também é resultado da própria abstração. Em suma, o fetichismo não é carência de abstração, mas é resultado da própria abstração em uma sociedade cujas relações estranhadas imperam.

⁸ “1) é a divindade visível, a transmutação de todas as propriedades humanas e naturais no seu contrário, a confusão e a inversão universal de todas as coisas; ele confraterniza impossibilidades;

2) é a prostituição universal, o proxeneta universal dos homens e dos povos. A inversão e a confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a confraternização das impossibilidades - a força divina - do dinheiro repousa em sua essência enquanto ser genérico - estranhado, exteriorizando-se e se vendendo (sich veräußernden) - do homem. Ele é a capacidade exteriorizada (entäußerte) da humanidade” MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004 p.157

⁹ Idem p.159

¹⁰ “Se o dinheiro é o vínculo que me liga à vida humana, que liga a sociedade a mim, que me liga à natureza e ao homem, não é o dinheiro o vínculo de todos os vínculos? Não pode ele atar e desatar todos os laços?



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

qualidade universal do que pode comprar. Tudo que como indivíduo não se pode, pode se houver o dinheiro que manifesta as forças sociais. O dinheiro é meio que une a sociedade, mas de forma instrumentalizada. É a divindade visível e a relação de tudo, confraternizando com tudo, da essência do homem estranhado e exteriorizado.

O dinheiro impede a realização de usufruto dos que desejam sem possuir dinheiro, tornando a demanda abstrata. Quem tem necessidade de viajar, mas não tem dinheiro, não tem vocação efetiva, mas quem tem dinheiro e não tem necessidade de viajar, tem a vocação de viajar, mesmo que não faça parte da sua individualidade. Ele transforma efetividade da individualidade em fantasia, e transforma representação em pura efetividade.

O dinheiro possui valor real pela crença que os homens depositam nele, daí seu caráter religioso, que passa a ter autonomia em relação a ação individual de um homem. Mais do que isso, a religião do dinheiro é a força real organizada em símbolos exteriorizados da vida prática. A crítica à religião, portanto, não opera restrita à crítica à ilusão, mas se trata de demonstrar a concretude da religião “prática” da vida: a economia.

A capacidade de inversão, dada pela intercambialidade infinita de qualidades, por meio da quantidade, retira as mediações das aptidões, necessárias para a troca. Em outras palavras, Marx defende que as qualidades podem ser intercambiadas por mesmas qualidades, ou dito de outro modo, a qualidade é mediação necessária, pressuposto para a relação de troca:

O homem enquanto homem e seu comportamento com o mundo enquanto um [comportamento] humano, tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se tu quiseres fruir da arte, tens de ser uma pessoa artisticamente cultivada; se queres exercer influência sobre outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador. Cada uma das tuas relações com o homem e com a natureza tem de ser uma externalização (Äusserung) determinada de tua vida individual efetiva

Não é ele, por isso, também o meio universal de separação? Ele é a verdadeira || moeda divisionária (Schneidemünze), bem como o verdadeiro meio de união, a força galvano-química (galvanochemische) da sociedade” Ibidem p.159



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

correspondente ao objeto da tua vontade. Se tu amas sem despertar amor recíproco, isto é, se teu amar, enquanto amar, não produz o amor recíproco, se mediante tua externalização de vida (Lebensäußerung) como homem amante não te tornas homem amado, então teu amor é impotente, é uma infelicidade¹¹

A emancipação humana: crítica da unilateralização das carências pela propriedade privada

Na sua crítica à especulação hegeliana, Marx também defende a vida social efetiva, contraposta à consciência universal, ou a contraposição entre totalidade ideal (pensada) e a totalidade efetiva, intuição e fruição da sociedade em movimento. Marx opõe a unilateralização da apropriação do indivíduo pela sociedade na forma de ter. Contudo, Marx encontra na língua ou na apropriação individual da arte (sem necessariamente ter a propriedade) elementos de apropriação da riqueza, em que a relação de indivíduo e sociedade não são opostas. A riqueza humana aparece como apropriação do indivíduo pela produção humana como um todo, pelo olho modificado pela produção das artes visuais humanas. A abolição da propriedade privada aparece como emancipação de todas as qualidades e das próprias coisas produzidas pelo homem.

Se a crítica de Marx à economia política e à sociedade burguesa apresenta-se como crítica ao fetiche e à religião da propriedade privada unilateralizada, a emancipação aparece, como já pontuamos, pela relação completa do indivíduo com o gênero humano, com a sociedade, na qual a apreensão individual da riqueza da produção humana e social produz a personalidade.

A perspectiva da emancipação em Marx nos MEF está intimamente ligada a noção de liberdade como apreensão das leis de natureza e do ser humano, o que envolve um aspecto estético (leis da beleza) e científico (funcionamento), o mesmo não ocorre necessariamente pela compreensão racional e instrumental, o que envolveria uma

¹¹ Ibidem p.160 e 161



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

unilateralização da vida pela consciência hegeliana, mas coloca-se na apreensão do indivíduo pela produção humana.

Neste caso, não é a negação pura e simples das abstrações reais, isto é, instituições sociais que o ser humano produziu, em nome de um indivíduo plenamente consciente e plenipotente, mas pelo contrário, a defesa de Marx do acesso dos indivíduos a todas as instituições humanas que o homem produziu, em que os elementos estéticos são ressaltados por Marx, em especial, a literatura e a música.

O homem nunca está emancipado das instituições sociais, pois ele é carente da produção social, material e espiritual. A carência coloca-se como elemento central contra as posições ultra- racionalistas possíveis de se derivar de Marx em uma compreensão errônea de crítica do fetiche. A crítica ao fetiche é crítica a unilateralização da vida humana em uma única instituição social, as relações mercantis.

O que, no próprio Marx, muitas vezes aparece como dominação da natureza, nos MEF a ação humana sobre a natureza aparece como humanização da natureza. Nesse sentido, a emancipação não pode ser entendida no sentido errôneo de colonização da natureza, mas sim de que a natureza funde-se no sentido do homem. Não se trata de instrumentalizar e dominar a natureza, mas de humanizá-la com sentidos sociais que ela devolve, a natureza possui agência sobre o próprio homem, pois é dotada de significado¹². Esse sentido pode ser confundido com um animismo ou mesmo fetichismo naturalista, mas trata-se da compreensão da riqueza humana como produção criativa social que produz sentido estético e conhecimento humano das coisas.

¹² “A suprassunção da propriedade privada é, por conseguinte, a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado humanos, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou olho humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram teóricos. Relacionam-se com a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento humano objetivo consigo própriae com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera utilidade (Nutzlichkeit), na medida em que a utilidade (Nutzen) se tornou utilidade humana” Ibidem p. 109



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

Os sentidos humanos individuais aparecem mediados pelos sentidos de outros homens, pela produção humana, a relação com uma natureza humanizada é, na realidade, o próprio sentido humano. É a relação entre sujeito e objeto, na qual o sujeito tem de tornar-se também um objeto como um ente social, mas que se apropria como sujeito que sente a humanidade objetivada (e, portanto, naturalizada) e a natureza subjetivada pelas relações humanas¹³.

A propriedade privada unilateraliza a carência humana como carência prática e rude, com sentido tacanho e reduz a natureza humanizada à mera utilidade, uma natureza egoísta, na qual a fruição perde-se juntamente com o próprio sentido da natureza e do ser humano. Marx exemplifica a questão: “O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum”¹⁴. A limitação da crítica teórica e especulativa ocorre pela unilateralização e oposição entre prático e teórico. Só a efetividade da ação, a partir da carência, faz o movimento, na qual a oposição entre espiritualismo e materialismo, subjetivismo e objetivismo perde-se de sentido. A oposição aqui encontra-se pela posição naturalista de Marx¹⁵.

A indústria, desenvolvida pelas ciências naturais, externaliza a relação entre o homem e a natureza. O homem rico, para Marx, não é, portanto, aquele que acumulou muito, mas sim aquele que é carente; contudo, não carente de mais posse, mas que, por

¹³ “Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada” Ibidem p.110

¹⁴ Ibidem p.110

¹⁵ A natureza e a filosofia da natureza foi tema caro ao Marx desde o seu doutoramento sobre Demócrito e Epicuro. Tal posição, contudo, não significa uma adesão incondicional a Feuerbach e a sua antropologia. Embora Engels afirme no seu entusiasmo da leitura de “A essência do cristianismo” que todos eram feuerbachianos, Marx apresenta uma distância de concepção a respeito de Feuerbach. Não a toa, Ranieri fará a provocação de que “Marx nunca foi feuerbachiano”. RANIERI, Jesus. Introdução. In MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004 p.11



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

entrar em contato com a produção humana no seu sentido amplo, é carente da totalidade da manifestação humana de vida. A paixão por mais humanidade.

O socialismo, neste caso, aparece como uma auto-compreensão do engendramento humano de si próprio, na sua relação com a natureza, isto é, como uma conformação em relação à natureza e à produção histórica humana, só que agora positiva. Em suma, o socialismo aparece como uma etapa positiva, em que não está na proposição negativa do comunismo ou do ateísmo em que o primeiro, apresenta-se como negação da propriedade privada (negação da negação) e, o segundo, como negação da religião.

Conclusão

Os MEF conformam o primeiro material em que Marx se debruçou de forma detida sobre a economia política, cujo objetivo foi apreendê-la para superá-la enquanto ciência e também enquanto linguagem da sociedade burguesa, isto é, a crítica da economia política é sobretudo crítica da sociedade burguesa.

Marx critica o estranhamento do trabalho, o fetiche do dinheiro e a unilateralização da propriedade privada. Neste artigo, ressaltamos os aspectos que costumam ficar relegados, por serem considerados menores no desenvolvimento da obra marxiana: o fetiche do dinheiro e a crítica a unilateralização da propriedade privada.

Marx realiza a crítica ao fetiche do dinheiro, por meio de uma inversão do conceito de fetichismo até então existente. O conceito de fetichismo criado por Charles de Brosses está calcado em uma reflexão evolucionista sobre o estágio de outros povos e culturas: as outras culturas, inferiores a europeia, estariam imbuídas de medo e irracionalidade, na qual a pobreza abstracional os conduziria para a adoração de elementos concretos. Marx, ao contrário, apresenta o conceito de fetichismo como compreensão do funcionamento da sociedade burguesa. Diferentemente do conceito anterior, o fetichismo não é fruto da falta de abstração, mas sim a consequência da abstração que é o dinheiro.



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

O dinheiro, ao ser o instrumento que garante a intercambialidade infinita na sociedade burguesa, possui também a capacidade de inverter todas as qualidades por meio da quantidade. A capacidade de inversão modificam as relações de troca, pois não se trocam qualidades iguais que se relacionam a coletividade e também a individualidade dos indivíduos, mas troca-se qualidades por quantidade. Pessoas com habilidades para serem artistas, sem dinheiro deixam de sê-las, assim como pessoas sem habilidades ou reais interesses por arte, podem “ser” artistas, por meio do dinheiro. Nesse sentido, o dinheiro separa a potência da efetividade na sociedade burguesa.

A propriedade privada, por sua vez, modifica a relação de necessidade e carência individuais e coletivas. Por influência de Engels, Marx joga luz ao sistema de trocas baseada pelo comércio. Por meio do comércio impõe-se a necessidade de produzir carência no outro, a fim de realizar a sua própria carência. Desdobrando a questão, o “mercado” não resolve demandas existentes, mas produz demanda no outro, a fim de solucionar de forma egoísta, as demandas causadas pelo outro.

Os indivíduos, na propriedade, são unilateralizados na realização pela dimensão da posse, empobrecendo sua experiência. As dimensões relacionadas ao próprio ser ficam relegados e subordinados, pois o foco encontra-se no ter. Neste sentido, o desejo dos homens são reduzidos a uma unidimensionalidade do ter, em detrimento do ser e do fazer, do produzir. O trabalho estranhado perde substância e o indivíduo encontra apenas refúgio na posse e no consumo. Além disso, é preciso lembrar que o sentido encontra-se separado do gênero humano, isto é, da coletividade, limitando-se ao ter da propriedade privada que exclui o conjunto da coletividade.

As críticas ao fetiche do dinheiro e a unilateralização provocada pela propriedade privada possuem atualidade na crítica as relações mercantis e o dito “mercado”. Na tradição da economia política e, de forma mais acentuada, na ciência econômica contemporânea - *economics*, o mercado é apresentado como meio descentralizado de ordenação social, evitando a coerção centralizada do estado. Marx se apropria da economia política ao ressaltar o papel das relações materiais e da “economia”, mas a apreende de modo negativo, isto é, criticando as relações mercantis.



Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina

Para Marx, a descentralização do mercado não tem como consequência a não-coerção. Nos MEF são dois planos que podemos retirar da crítica. O primeiro, no plano do fenômeno imediato, Marx, a partir dos próprios economistas políticos, aponta que os mecanismos do mercado também levam a centralização. O plano estrutural, contudo, é o argumento central deste artigo: ao realizar a crítica da sociedade burguesa, Marx aponta a dominação abstrata que ocorre sem necessariamente existir um centro unificador. O fetiche e a unilateralização são forças sociais espalhadas por toda a sociedade, mas que nem por isso é menos coercitiva, pois estranha e unilateraliza os indivíduos.

A superação do estranhamento e da unilateralização da sociedade burguesa são condições inescapáveis para a emancipação humana. Para a liberação das potencialidades humanas deve se confrontar a dominação social abstrata das relações mercantis da sociedade burguesa. A reconciliação do homem consigo mesmo, com a humanidade e com a natureza está para além do estado e do mercado.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. Os manuscritos de 1844 de Karl Marx (Economia política e filosofia) in *Revista Dialectus*, 2015. Ano 2, n 6 p. 208.
- ASSUNÇÃO, Vânia. Marx no tempo da Gazeta Renana. *Revista da APG/PUC-SP*, São Paulo, ano XI, n. 29, p. 193-217, set./2003.
- BRAGA, H. *Limites e possibilidades do capitalismo - um estudo sobre o conceito de Riqueza em Marx*. Tese de doutorado em Desenvolvimento Econômico - Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2015.
- CHASIN, José. Crítica do Amálgama Originário in *Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.
- COTRIM, Ana Aguiar. *Contribuições de Karl Marx ao problema da mimese artística*. Tese de



**Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De
Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina**

Doutorado em Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo,

2015.

ENGELS, F. “Outlines of a critique of political economy” in MARX, Karl; ENGELS, Friedrich *Karl Marx, Frederick Engels: collected works*. New York, NY: International, c1975- v.2

FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política*. São Paulo, SP: Editora 34, 2002.

FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844: As origens da ontologia do ser social*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GANEM, Angela. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social: Uma abordagem histórico-filosófica in *Revista de Economia contemporânea*, Rio de Janeiro, 4(2): 9-36, jul./dez. 2000

GIANNOTTI, Jose Arthur. *Origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985. 2a ed.

GOMES, Marcelo. *Humanismo e estranhamento: estudo da liberdade pela autopoiesis na teoria marxiana*. Tese de doutorado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campinas, 2011.

GRAEBER, David Fetish as social creativity or, fetishes are gods in the process of construction in *Anthropological Theory*. Vol 5, Issue 4, pp. 407 - 438. 2005.

GRANEL, Gerard. la ontología marxista de 1844 y la cuestión del “corte” in *actuel marx/ intervenciones* N° 16, 2014.

MARKUS, Gyorg. *A teoria do conhecimento no jovem Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004

MARX, Karl. *Os despossuídos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *Crítica à filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MCLELLAN, David. *As idéias de Engels*. São Paulo, SP: Cultrix, 1979.

MCLELLAN, David. *As ideias de Marx*. São Paulo, SP: Cultrix, 1977, c1975.

MUSTO, Marcello. Marx in Paris. *Science & Society*, Vol. 73, No. 3, July 2009, 386–402

PROUDHON, Pierre-Joseph. *A propriedade é um roubo: e outros escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

RANCIERE, Jacques in ALTHUSSER, Louis. *Ler o capital*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979- 1980.



**Relações Mercantis Como Fetichismo Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos De
Karl Marx (1844) – Carlos Seizem Iramina**

RANIERI, Jesus. In MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

RANIERI, Jesus. *A câmara escura: Alienação e estranhamento em Marx*. São Paulo: boitempo, 2001. P.20

ROSANVALLON, Pierre. *O liberalismo econômico: história da ideia de mercado*. Bauru: EDUSC, 2002.

SHAKEASPEARE, W. *Timon of Athens*. <http://shakespeare.mit.edu/timon/full.html>
Acessado em 07/07/2017.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.